

# EPICURO E A NATUREZA DA ALMA

Maria da Glória Novak  
Universidade de São Paulo

## Résumé

La **Lettre à Hérodote** n'est qu'un résumé du point de vue d'Épicure et, encore, du moins à propos de l'âme, quelque peu obscur. Puisque du Maître nous n'avons que trois lettres et quelques maximes, il nous a été nécessaire, voire indispensable, d'avoir recours à la doxographie et surtout, évidemment, au lucrétien **De rerum natura**. Eh bien. L'âme est un corps composé. Elle est la cause de la sensibilité et elle sent avec le corps, qui en est la condition. Elle naît et elle meurt avec le corps mais elle est relativement indépendante de celui-ci, puisqu'elle a des facultés qui lui sont propres et que le corps ne possède pas. Elle est formée de trois (souffle, chaleur, substance innommée) ou quatre éléments. Les savants ne sont pas tous d'accord sur la présence de ce quatrième élément, mais le poème nous l'explique: **Il n'est point de chaleur à laquelle de l'air ne se trouve également mêlé** (III 234; trad. Ernout). En outre, ils ne s'accordent pas sur la nature de cette substance innommée. Est-elle semblable à la quintessence d'Aristote et au **hægemonikôn** des stoïciens? Enfin, puisque l'âme est un corps composé et puisque tout composé se décompose, l'âme est mortelle. Et puisque l'âme est mortelle, la mort n'est rien par rapport à nous.

Assim como não só a alma aristotélica é uma resposta à alma platônica mas ambos, Platão e Aristóteles, assumem posição diante dos pré-socráticos, assim também o epicurismo não só como que responde aos pré-socráticos mas, ainda, responde a Platão e Aristóteles<sup>1</sup>.

O que distingue principalmente Aristóteles de Platão é a ausência de perspectiva escatológica. Para o Estagirita, a mente, imortal embora, não assume a individualidade do homem, não assume a responsabilidade pelo seu comportamento. Epicuro distancia-se de ambos por não aceitar qualquer imortalidade a não ser a dos Deuses, para não mencionar a eternidade dos átomos e do vazio.

Ainda que se encontrem também nas *Kyriai Dóxai* e na *Carta a Meneceu* afirmações a respeito da alma, da sensação e da morte, é nos parágrafos sessenta e três e sessenta e oito da *Carta a Heródoto* que Epicuro define a natureza da alma, e é sobretudo pela análise desses parágrafos que podemos defini-la, embora sejam inevitáveis as referências aos doxógrafos e principalmente ao lucreciano *De rerum natura*, documento epicúreo por excelência.

Parece ocioso afirmar que o princípio da teoria epicurista da alma consiste em que esta é material. Segundo o epicurismo, há no universo átomos e vazio, e todos os seres se compõem desses dois constituintes<sup>2</sup>. A alma, pois, é para Epicuro, assim como para Demócrito, um composto atômico.

Lê-se na *Carta a Heródoto* (§ 63-8) que, "relativamente às sensações e às afecções (...), é preciso considerar que a alma é um corpo composto de partículas finas, disseminado por todo o agregado, muito semelhante a um sopro que tem uma mistura de calor e é cá semelhante àquele e lá, a este. Há uma parte que, pela finura das partículas, assume muita variação também desses elementos e, por isso, está mais em con-senso com o resto do agregado. Tudo isso mostram as faculdades da alma, as afecções, a facilidade de movimento e de pensamento e tudo aquilo cuja privação nos faz morrer.

E ainda é preciso reter que na alma está a causa maior da sensação. § 64 Certamente não a teria assumido se não fosse de certo modo protegida pelo resto do agregado. Mas o resto do agregado, tendo-lhe propiciado aquela causa, ele próprio participa de tal acidente que vem dela, não todavia de tudo o que ele possui. Por isso, tendo-se ido embora a alma, ele não tem sensação, pois não era ele que, em si mesmo, possuía essa faculdade, mas a tinha propiciado a uma outra coisa que tinha vindo a ser justamente com ele e que, através de uma força constituída em torno dela, pelo movimento perfazendo imediatamente o acidente sensível para si mesma, a ele o devolve, graças à contigüidade e ao con-senso, segundo disse. § 65 Por isso é que, estando a alma no corpo, mesmo que qualquer outra parte se tenha ido embora, jamais há ausência de sensação. Se,

1 – Cf. Robin, 1963:52; Brun, 1974:71 et seqs.

2 – Cf. Lucr. I 445-50

porém, ela morre neste lugar quando se desfaz aquilo que a protege, quer no seu todo quer em parte, se ela permanecer, preserva a sensação, mas, permanecendo o resto do agregado, todo ele ou em parte, não tem sensação, tendo ela ido embora, qualquer que seja o número de átomos que concorre para a natureza da alma. E ainda: desfeito o agregado no seu todo, a alma se dispersa e não mais tem as mesmas faculdades, nem se move e, sendo assim, não possui sensação. § 66 De fato, não é possível pensá-la sentindo não estando nesse conjunto e no uso desses movimentos, quando o que a protege e a envolve não é aquilo onde agora está e onde tem esses movimentos.

'Escólio: Diz também em outras passagens que ela é composta de átomos muito lisos e muito redondos que superam de muito os do fogo. 'Menciona' também uma parte irracional dela disseminada pelo resto do corpo e a parte racional do tórax, como fica evidente a partir dos temores e da alegria. O sono se produz quando as partes da alma, disseminadas por todo o composto, se reúnem ou se afastam, ou são expulsas pelos choques.'

§ 67 Mas ainda isto: É preciso observar que nós falamos do incorpóreo, segundo o uso mais comum do termo, sobre o que seria pensado por si mesmo. Por si mesmo não é possível pensar o incorpóreo, exceto o vazio. Mas o vazio nem pode fazer nem ser afetado, mas apenas propicia aos corpos movimentos através dele. Sendo assim, os que dizem que a alma é algo incorpóreo falam coisas vãs, pois ela não poderia nem fazer nem ser afetada se fosse tal. De fato, § 68 os acidentes a respeito da alma permitem captar nitidamente tanto um como o outro.

Portanto, todos esses raciocínios a respeito da alma, se alguém os referir às afecções e às sensações, se se lembrar do que foi dito no início, ele os verá suficientemente abrangidos por esses esquemas para que, a partir deles, possam ser precisados com segurança parte por parte<sup>3</sup>.

Vejamos. A alma é um corpo. Este corpo é formado de partículas finas. Ora, segundo Epicuro, inúmeros, embora não infinitos, são os tamanhos e as formas dos átomos. E, em vista da rapidez das faculdades da alma, é necessário que as partículas que a compõem sejam formadas dos menores átomos, e dos mais polidos ou lisos<sup>4</sup>.

**A alma está disseminada por todo o agregado que constitui o corpo e é abrigada por ele.** Que está protegida pelo corpo mostra-o a experiência. Existe enquanto em união com ele. Quando este se desfaz, dispersa-se. A Idéla, retomada por Lucrécio, é de que o corpo recobre ou envolve a alma. Daí chamá-la Epicuro *tò stegázon* (§ 65-6).

Da leitura do parágrafo sessenta e três, depreende-se que há três partes na al-

3 – Texto estabelecido por Conche (1977). Tradução da Professora Anna Lia A. de A. Prado.

4 – Cf. Ep. Her. § 66 sch. Parece-me interessante lembrar Demócrito (Artist. De an. I 2, 404 a 6-9), embora segundo Demócrito as figuras fossem semelhantes aos átomos esféricos do fogo e segundo Epicuro, a cremos no escólio do parágrafo sessenta e seis, distintas. (Bollack, 1971:223).

ma: **sopro, calor, e uma parte sem nome**, que os estudiosos discutem. De Witt, por exemplo, reconhece no texto da **Carta** a presença de uma terceira parte, superior ao sopro e ao calor quanto à sutileza das suas partículas, mas discorda de que a chame-mos **uma parte sem nome**<sup>5</sup>.

Plutarco cita não apenas três mas quatro elementos na alma segundo Epicuro e ridiculariza o terceiro elemento da **Carta**, assinalando que o princípio que determina o julgamento, a memória, a amizade, o ódio – o princípio que raciocina – depende de um elemento sem nome<sup>6</sup>. E convém lembrar os testemunhos de Lucrécio, principalmente, e de Aécio, que também mencionam quatro elementos<sup>7</sup>. Diz Aécio que a alma, segundo Epicuro, é uma mistura de fogo, ar, sopro vital e **um elemento sem nome**.

Assim, é provável que haja de fato **uma parte sem nome** no parágrafo sessenta e três da **Carta**: parte que, pela finura das suas partículas, está mais em con-senso<sup>8</sup> com o resto do agregado, equivalente à **quarta quaedam natura** de Lucrécio e é a causa principal da sensibilidade<sup>9</sup>. É terceira na **Carta**. Se os doxógrafos e epígonos mencionam quatro elementos, é o **De rerum natura** que explica o quarto: diz que não há qualquer calor ao qual não esteja também misturado ar (III 234). Mais uma vez é interessante lembrar DeWitt, que considera inexata a afirmação de que a alma se compõe de quatro elementos e acusa Lucrécio de sugerir que para Epicuro o número quatro é canônico<sup>10</sup>. Outros estudiosos, porém, entre os quais Bailey, absolutamente não duvidam da afirmação lucreciana<sup>11</sup>. De fato, é o não constarem da **Carta** a **Heródoto** as atribuições específicas dos elementos o que tem dado margem às diferentes interpretações.

Lembra Bailey que o **De rerum natura** apresenta inicialmente apenas **calor e uentus**, o **calor** e o **sopro** do parágrafo sessenta e três da **Carta**, e só adiante menciona o terceiro elemento, **aer**, e o quarto elemento, a **quarta quaedam natura**<sup>12</sup>. Não acredita, porém, que o Poeta se houvesse afastado da teoria do Mestre. Apoiar-se o crítico nos testemunhos de Aécio e Plutarco e aventar a hipótese de que aqui, como noutros passos, o Poeta seguisse a perda **Megálee Epitomée** e de que, na **Carta**, o Mestre esboçasse, apenas, algo já do conhecimento do discípulo Heródoto.

Entendem alguns estudiosos que a **quarta natura** de Lucrécio (ou terceira de

5 – (1954:198). |

6 – (Adu. Col. 20, 1118d). Este fragmento haveria dado origem a uma confusão entre **animus** e **quarta natura**.

7 – Cf. respectivamente Lucr. III 231 et seqs e Aet. IV 3,11 (Usener, 1966:fr. 315).

8 – “Con-senso” traduz **sympátheia**, que o **De rerum natura** traduz por **consensus**, algo assim como “sensibilidade ou sensação conjunta”. Cf. III 740 e também 153.

9 – Cf. Lucr. III 237-42.

10 – (1954:198-9).

11 – (1928:580 et seqs).

12 – Cf. respectivamente III 121 **corpora caloris**; 126-7 **uenti calidique uaporis semina**; 128 **calor ac uentus uitalis**; 233 **uapor porro trahit aera secum**; 240-1 **quarta quaedam natura necessest adtribuatur**. (No verso 122, **aer** estaria no seu sentido corrente.)

Epicuro), que domina no corpo todo<sup>13</sup> ou está mais em con-senso com o resto do agregado, não só se assemelha à quinta essência de Aristóteles mas também ao **heegemonikón** dos estóicos. Este ponto é delicado. No *De rerum natura* o equivalente do **heegemonikón** seria **consilium regimenque**, e se dissermos que a **quarta natura** de Lucrécio se assemelha ao **heegemonikón** dos estóicos, corremos o risco de confundir **animus e quarta natura**.

Afirma ainda a *Carta* que **a causa maior da sensibilidade está na alma** (§ 63). A afirmação é clara e fica bem explicada: o resto do agregado participa da sensação **que vem da alma** (§ 64). Paralelamente, a sensação só é possível enquanto a alma permanece no corpo e graças ao con-senso que há entre este e ela. Os seus átomos, extremamente móveis, penetram esse corpo em todos os seus recônditos: ferida por um estímulo, os seus movimentos causadores de sensação, confinados aos escassos limites desse corpo, transmitem-se a ele até que ele mesmo possa também sentir<sup>14</sup>. Este con-senso, aliás, é condição não só da sensibilidade mas da vida<sup>15</sup>: a alma deve a sua existência ao fato de estar contida num corpo, visto que ela própria não tem coesão interna<sup>16</sup>.

Pois bem. Ambos sentem: o corpo, que **propicia à alma a capacidade de sentir, dela recebe a sua própria parte** na sensibilidade (§ 64). Entretanto, o corpo não participa de tudo o que a alma possui: memória, inteligência e razão, vontade, medo, alegria, embora violentas comoções do espírito possam estender as suas manifestações através do corpo<sup>17</sup>.

Epicuro atribuiu origem comum à alma e ao corpo quando afirma que este propicia à sensibilidade a outra realidade **nascida ao mesmo tempo** que ele (§ 64). Escreve Aécio<sup>18</sup> que, para Epicuro, o espema é uma parte destacada da alma e do corpo. Este seria também o pensamento de Demócrito<sup>19</sup>. Ora, visto que tudo o que nasce com o corpo deve morrer com o corpo, a alma deve morrer<sup>20</sup>. Além disso, tão íntimo é o con-senso entre corpo e alma que não se pode imaginar (epicureamente falando) uma alma vinda de fora a penetrar no corpo no momento do nascimento<sup>21</sup>.

Como se depreende do parágrafo sessenta e cinco, a alma compõe-se de menor número de átomos que o corpo, no que Epicuro diferiria de Demócrito<sup>22</sup>. O texto epicú-

13 – Lucr. III 281.

14 – § 64; Lucr. III 246-50; 331-6. V. também *Sex. Emp. Adu. dogm.* I (*math.* VII) 267 (Usener, 1966:fr.310).

15 – Lucr. III 337-49.

16 – Giussani (1896:211), citando Brieger, distingue dois tipos de corpos. Os primeiros (*mixturae*), por não ter coesão, precisam de um corpo do segundo tipo (*texturae*) que os contenha.

17 – Cf. Lucr. III 152-60.

18 – V 3,5 (Usener, 1966:fr.329).

19 – Cf. DK 68 A 141.

20 – Cf. *Aet.* IV 7,4 e *Lact. Div. inst.* III 17,33 (Usener, 1966:fr.336).

21 – Cf. Lucr. III 325-49; v. também 445 et seqs.

22 – Id. *Ibid.* 370 et seqs; este é o único registro dessa opinião democritiana.

reio talvez não seja muito claro<sup>23</sup>. Confirma-o no entanto a experiência: a perda da alma não implica diminuição nem no tamanho nem no peso do corpo. Confirma-o também o *De rerum natura*. Ensina-nos o Poeta que não só os elementos da alma são muito menores que os de que constam o nosso corpo e as nossas víceras, mas também são inferiores em número e, raros, estão disseminados pelos órgãos (III 374-95).

E, finalmente, o princípio da teoria epicúrea da alma: **esta é corpórea, ou não poderia nem agir nem ser afastada**. Incorpóreo por si mesmo, como uma natureza completa, é só o vazío – e este, que é por definição intangível<sup>24</sup>, não pode nem agir nem ser afetado (§ 67) –. Ora, responsável pelo movimento, a alma age; causa da sensação, é afetada; logo, é necessário que seja corpórea a sua natureza<sup>25</sup>. Tão importante quanto afirmar que a alma é mortal é afirmar que é um corpo (§ 63). Afirmara-o Demócrito, afirmá-lo-á o Poeta.

Assim, parece-me possível destacar nos parágrafos sessenta e três a sessenta e oito da *Carta* as seguintes afirmações: a) a alma é um corpo; b) é responsável pela sensibilidade e sente com o corpo; c) nasce e morre com o corpo; d) compõe-se de três (ou quatro) elementos; e) goza de relativa independência em relação ao corpo, visto que tem faculdades que este não tem (§ 64).

Há no entanto algo que é preciso explicitar. Diz Epicuro que a alma é um corpo muito semelhante a um sopro que tem uma mistura de calor e é cá semelhante àquele e lá, a este (§63). Isto quer dizer que a alma (que é formada de partículas finas) por causa de umas das suas partículas é semelhante a um sopro e por causa de outras é semelhante ao calor. A experiência confirmará a asserção: sempre que se dissipam fugindo alguns corpos de calor e se exala ar pela boca, a vida imediatamente deserta as veias e deixa para trás os ossos<sup>26</sup>. Entretanto, não devemos imaginar que a alma se compõe de um "sopro quente", mesmo porque o sopro justamente é frio; nem imaginar que se compõe de átomos de vento e de átomos de calor, pois não há tal.

Permanece o problema das atribuições específicas dos elementos. Essas atribuições não constam da *Carta*, e os testemunhos que temos são mais uma vez o de Aécio e o do poema lucreciano.

Segundo Lucrécio, a quarta natura é responsável pelos movimentos causadores de sensibilidade (III 241-57); o calor, pelo ardor e pela ira; o sopro, causa do movimento; é companheiro do espanto e do horror; o ar, da tranqüillidade (III 288-315). E segundo o autor da *Xynagoogée peri areskóntoon*, o sopro é responsável pelo movimento; o ar, pela tranqüillidade; o fogo ou calor, pelo calor do corpo e o elemento sem nome, pela sensação, visto que esta não está ligada a nenhum dos elementos

23 – Cf. § 65: "qualquer que seja o número de átomos que concorre para a natureza da alma".

24 – Her. § 40; Lucr. I 437-9.

25 – Cf. Her. § 63.67; Lucr. I 304; III 161-76. V. também Arist. *De an.* I 1,403a 25.

26 – Lucr. III 121-3.

mencionados<sup>27</sup>. Acredita-se, em geral, que Epicuro não teria pensado na análise psicológica na qual pensou o Poeta, e que estaria mais próxima da idéia original do Mestre a afirmação de Aécio.

Alguns estudiosos discordam das atribuições dos elementos da alma. Rist, por exemplo<sup>28</sup>, opõe restrições à função do sopro (**pneūma, aura**) como responsável pelo movimento. Vê um resquício de aristotellismo na afirmação de Aécio e lembra que, segundo o *De rerum natura*, o sopro se liga à mente fria dos cervos e o único movimento gerado por ele é o tremor causado pelo medo<sup>29</sup>. Este ponto é delicado. No quarto livro do poema lê-se que o ar móvel impulsiona o corpo assim como as velas e o vento levam a nau (892-906). Ora, o Poeta distingue aer ("ar") e aura ("sopro"), sendo esta o "ar em movimento" e equivalendo a **uentus**. Como no mencionado passo do livro IV o ar é móvel, deve ser entendido como **uentus** ou **aura** (ou **pneūma**) e assim, ao meu ver, o poema desmente a opinião do sábio<sup>30</sup>.

Também me parece interessante lembrar que não nos resta, diretamente de Epicuro, uma divisão da alma. No escólio ao parágrafo sessenta e seis da carta, lê-se que há nela algo irracional (**ti álogon**) disseminado pelo resto do corpo, e o racional (**tò logikón**) localizado no tórax. O *De rerum natura*, por sua vez, distingue **animus** ("ânimo" ou "espírito") e **anima** ("alma"), que se mantêm intimamente unidos, formando **uma só natureza**; o primeiro situado na região média do peito; a segunda disseminada pelo corpo todo: ambos mortais<sup>31</sup>. E Aécio<sup>32</sup> escreve que a alma, de acordo com Epicuro [e Demócrito], se compõe de duas partes: a racional (**tò logikón**), que tem a sua sede no peito, e a irracional (**tò álogon**), disseminada por todo o agregado que constitui o corpo; e chama ao racional de Epicuro **tò heegemonikón**.

Talvez se deva pensar que, embora não conste da *Carta a Heródoto*, a distinção se encontraria noutros escritos do Mestre, pois não só pertence à tradição helênica mas também se encontraria em Demócrito.

Por outro lado, a distinção entre **tò álogon** (anima) e **tò logikón** ou, melhor, **tò lógon échon** (**animus**) teria sentido quanto às funções mas não quanto à estrutura física, razão pela qual a teria o Mestre omitido na *Carta*, em que focaliza em linhas gerais a física do sistema<sup>33</sup>. É-se tentado a relacionar o irracional ou a-racional à **psychée** e à **anima** lucreciana, e o racional à **diánoia** e ao **animus**. Não obstante, é preciso notar que o racional, assim como o **animus**, é igualmente emocional e volitivo, ao passo que para Epicuro **diánoia** significa: a) "faculdade capaz de apreensão imediata de imagens"<sup>34</sup>; b) "faculdade capaz de apreensão imediata do invisível" (*Her.* § 62); c)

27 – IV 3,11 (Usener, 1966:fr.315).

28 – (1977:76-7).

29 – Cf. III 290-1; 299-301.

30 – Também no livro VI (685) se encontra a noção de que o vento é "ar móvel": **Ventus enim fit ubi est agitando percitus aer**. V. Ep. *Pyth.* § 105.

31 – III 117-29; 136-60; 417-24.

32 – DK 68 A 105 (Usener, 1966:fr.312).

33 – Segundo ele mesmo afirma (§ 35-6).

34 – *Her.* § 38.49-51; KD XXIV.

"faculdade capaz de apreensão de um princípio, através do raciocínio"<sup>35</sup>. A **dianóia** será, portanto, **racional mas não emocional e volitiva**.

Surge aqui um ponto que tem sido objeto de discussões sem fim: a **parte sem nome** pertence a ambas as partes da alma ou apenas a uma e não à outra. Ora, a **Carta** não estabelece a bipartição e atribui à **psyché** também o pensamento (§63). É verdade que a atribuição de faculdades intelectuais à **psyché** não implica a não distinção entre **álogon** e **logikón**: o Mestre pode havê-los incluído sob a mesma denominação. O Poeta igualmente inclui sob um só nome **animus** e **ânima**, ao apresentá-lhes as provas da mortalidade. Ao meu ver, porém, justamente o inclui-los sob um só nome indica terem **as partes** a mesma composição e, nesse caso, a **parte sem nome**, se existe uma, pertence a ambas.

Restaria dizer ainda uma palavra a respeito da morte. Segundo Lactâncio, Epicuro diz que não se devem temer os castigos do inferno porque as almas perecem após a morte e o inferno absolutamente não existe<sup>36</sup>.

Na verdade, o epicurismo surgiu exatamente para livrar o homem dos seus temores. Se a imortalidade da alma havia sido negada por Demócrito, o epicurismo tem nessa negação a pedra angular da sua doutrina: **a alma é material e mortal**. Realmente, afirma Epicuro que, ao desfazer-se o agregado que constitui o corpo, a alma se dispersa, não tem mais poder nem se move nem sente; volta aos átomos que a compunham, estes, sim, indestrutíveis (Her. §65-6).

Ora, tememos dores terríveis e eternas para a nossa alma e tememos a própria insensibilidade do corpo no estar morto como se isso nos atingisse, o que é irracional pois todo bem e todo mal residem na sensação<sup>37</sup>: a morte não nos diz respeito pois quando existimos ela não está presente e quando está presente já não existimos.

Afirma também Epicuro que nada há de temível na vida para quem sabe que nada há de temível na não-vida e que não lhe pesa ao sábio viver como não o assusta morrer (Men. §126). Vivemos uma só vez e a consciência de que a morte nada é para nós livra-nos de desejar a imortalidade (Men. §124-5).

Em suma, afasta-se totalmente Epicuro da concepção órfico-pitagórica e platônica de uma alma imortal e individual. Afasta-se também da concepção aristotélica da alma-forma incorpórea e da mente incorpórea e imortal. Defende, como Demócrito, a materialidade e a mortalidade da alma e da mente, a idêntica natureza da alma sensitiva e motora e da alma pensante e volitiva, a noção de que os seus átomos componentes são extremamente pequenos e extremamente móveis e a de que as suas faculdades, visto que a sua definição é puramente materialista, se exercem mediante contato. E visto que os átomos têm como qualidades únicas forma, volume e peso, o sensível pode provir do insensível, da mesma forma que o **clinamen**, automático, espontâneo e indeterminado no espaço e no tempo, resulta num movimento consciente de volição.

35 – Her. §78; KD XX. (Cf. Bailey, 1928:416 n 2).

36 – Diu. Inst. III 117,42 (Usener, 1966:fr.341, 18-20).

37 – Her. §81; KD II.

## BIBLIOGRAFIA

- BAILEY, C. **The Greek Atomists and Epicurus**. Oxford, Clarendon, 1928.
- BOLLACK, J. **et alii**. **La lettre d'Épicure**. [Paris] Ed. de Minuit [1971].
- BRUN, J. **L'épicurisme**. Paris, PUF, 1974.
- CONCHE, M. **Épicure: lettres et maximes**. Paris, Éd. de Mégare, 1977.
- DeWITT, N. W. **Epicurus and his Philosophy**. Minneapolis, Univ. of Minnesota, 1954.
- DIELS, H. & KRANS, W. **Die Fragmente der Vorsokratiker**. Berlin, Weidmann, 1954.
- GLIUSSANI, C. **Studi lucreziani**. Torino, E. Loescher, 1896.
- RIST, J. M. **Epicurus**. Cambridge Engl., Cambridge Univ., 1977.
- ROBIN, L. **La morale antique**. Paris, PUF, 1963.
- USENER, H. **Epicurea**. Stuttgart, B.C Teubner, 1966.

## TEXTOS

- ARISTOTE **De l'âme**. Paris, "Les Belles Lettres", 1980.
- EPICURIO (v. Bollack **et alii**, Conche).
- LUCRÈCE **De la nature**. Paris, "Les Belles Lettres", 1972.